

## COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA EM UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Graziela Frainer KNOLL<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria  
grazifk@yahoo.com.br

**Resumo:** A principal motivação para o desenvolvimento deste trabalho é contribuir para a difusão da teoria dialógica de cunho bakhtiniano nos estudos e análises da comunicação midiática, especificamente da publicidade. Com a enunciação, Bakhtin vinculou o sujeito humano à linguagem, destacando sua condição de ser sócio-histórico. Ao fixar o diálogo como metáfora da vida, e o dialogismo como princípio constitutivo, o sujeito se instaura mediante a alteridade e a intersubjetividade, ou seja, é através do reconhecimento do outro que o sujeito constitui a si mesmo. Com isso, a perspectiva bakhtiniana destaca a natureza social da enunciação porque o sujeito, no momento em que elabora o seu enunciado, já tem em vista a resposta do outro. Cada vez mais, destaca-se a importância de estudarmos a linguagem integrada às práticas reais e concretas que constituem o social.

**Palavras-chave:** enunciação; Bakhtin; publicidade.

### 1. Bakhtin e o Círculo

A referência ao trabalho de Bakhtin como uma Filosofia da Linguagem deve-se ao fato de que sua obra não se limita à reflexão sobre um objeto ou elabora uma perspectiva linguística ou literária, mas sobretudo desenvolve uma visão de mundo. Em outros termos, Bakhtin ultrapassa os limites do literário, do texto ou do estritamente verbal para alcançar praticamente todos os aspectos da vida cotidiana. Isso significa que todo o agir em sociedade pode, em algum grau, ser observado pelo prisma bakhtiniano.

Sobre a questão da autoria, convém explicar que há textos assinados por ele e outros a ele atribuídos, como é o caso de “Freudismo” e “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, originalmente assinados por Valentin Voloshinov (1895-1936); e “O método formal nos estudos literários”, assinado primeiramente por Pavel Medvedev (1891-1938). A confusão surgiu nos anos 70, a partir de dúvidas levantadas pelo linguista Ivanov, o que nunca se comprovou (FARACO, 2009, p.11-2). Pelo contrário, existem fatos concretos que corroboram que ambos, Voloshinov e Medvedev foram duas pessoas de fato, não apenas pseudônimos, mas intelectuais que dialogavam com Bakhtin, integrando, juntamente com outros teóricos, o que hoje denominamos o Círculo de Bakhtin.

O Círculo foi esse grupo de estudiosos que funcionou regularmente de 1919 a 1929, intelectuais de diferentes áreas, todos de orientação marxista e preocupados em promover uma discussão crítica e desenvolver dois grandes projetos:

- A “Prima Filosofia”, que objetivava fazer uma reflexão filosófica oposta a qualquer abstração típica do racionalismo. Portanto, o objetivo era pensar na subjetividade, no individual e na singularidade, ao invés de buscar leis universais;

- A “Teoria Marxista da Criação Ideológica”, cujo objetivo era estabelecer o vínculo intrínseco entre linguagem e ideologia.

A produção multiforme do Círculo, materializada no grande volume de textos, ensaios e livros, demonstra a existência de mentes fecundas e inquietas, interessadas em desvendar questões relativas à linguagem, à literatura, à arte, mas sempre em profunda ligação com a vida cotidiana. Vida e arte não se separam. Vida é criação, e a criação é humana.

---

<sup>1</sup> Doutoranda orientada pela Profa. Vera Lúcia Pires. Pesquisa com apoio CAPES.

No Brasil, os pesquisadores brasileiros entram em contato com Bakhtin principalmente a partir dos anos 70. Conforme afirma Guimarães (2001, p. 39), “A década de 70 é o momento em que no Brasil os estudos sobre significação se intensificam e se dão fortemente ligados à consideração das questões do sujeito”. Nesse contexto, os trabalhos de também Julia Kristeva contribuíram para a divulgação da obra bakhtiniana no ocidente. Na época, a linguística dividia suas perspectivas entre os estudos estruturalistas, os semióticos, os discursivos, e os enunciativos.

O crescente interesse pela obra bakhtiniana nos círculos acadêmicos revela a atualidade de seu pensamento. Nesse sentido, Faraco (2001, p. 27) afirma que tanto tempo se passou desde a descoberta de sua teoria pelo ocidente e, contudo, Bakhtin continua atual. Sua relevância contínua “pode estar simplesmente relacionada ao fato de que Bakhtin responde, em certa medida, a muitas das demandas [...] nos estudos das questões humanas”. Também podemos referir Miotello, que afirma:

Bakhtin não nos ajuda a explicar a modernidade, nem as mazelas contemporâneas, mas antes se coloca no lugar de um pensador da resistência, da transgrediência, que tem um pensar diferente do que está hoje posto pelas ideologias contemporâneas. (MIOTELLO, 2009, p. 165).

Responsável por vários rompimentos ou revoluções teóricas, Bakhtin analisa a linguagem como um constante processo de interação, de maneira que a língua existe em função do uso que os sujeitos (locutores e interlocutores) fazem dela em um contexto de comunicação. Pelo fato de a realidade da língua não estar na estrutura, mas nas interações, a linguagem é analisada do ponto de vista da enunciação, o que valoriza, sobretudo a função comunicativa da linguagem. É por uma intenção de estabelecer a comunicação com o outro que o sujeito mobiliza a língua em contextos sociais concretos.

Com a enunciação, Bakhtin vincula o sujeito humano à linguagem, destacando sua condição de ser sócio-histórico. Como afirma Charaudeau (2008, p. 19), “Com a Teoria da Enunciação, a presença dos responsáveis pelo ato de linguagem, suas identidades, seus estatutos e seus papéis, são levados em consideração”. Com o diálogo como metáfora da vida, e o dialogismo como princípio constitutivo, o sujeito se instaura mediante a alteridade e a intersubjetividade, ou seja, é através do reconhecimento do outro que o sujeito constitui a si mesmo.

A enunciação tem natureza social porque o sujeito, no momento em que elabora o seu enunciado, já tem em vista o outro, que será seu interlocutor, em outras palavras, ele elabora o enunciado já tendo em vista a resposta do outro. O ser humano não é um ser individual, é um ser social, e é na relação de um sujeito com outros sujeitos que ele se constitui.

Como afirma Ponzio:

A revolução de Bakhtin caracteriza-se por haver mudado o ponto de referência da fenomenologia, que já não se coloca no horizonte do “Eu”, mas no horizonte do “Outro”, uma mudança que não só põe em discussão toda a direção da filosofia ocidental, mas também a visão de mundo dominante em nossa cultura (PONZIO, 2008, p. 12).

O enunciado é um ato singular, irrepetível, concreto e vinculado a uma situação de enunciação, pois preciso situar os sujeitos e os enunciados produzidos por esses sujeitos no espaço e no tempo, ou seja, no meio social. O enunciado como objeto de estudo da linguagem deve ser analisado juntamente com o quadro situacional que o engendra. Isso significa que é através da análise de fatores contextuais que se recupera o sentido de um enunciado.

A constatação acerca da relevância das condições de produção, circulação e consumo dos enunciados nos estudos da significação ou dos sentidos abriu caminho às teorias da enunciação ou teorias enunciativas. Conforme Cervoni:

Merece o nome de linguística da enunciação toda linguística que, preocupada em não mutilar demais a análise do sentido, integra um ou outro desses aspectos, que não situa de saída o conjunto da problemática enunciativa à margem de seu próprio objeto (CERVONI, 1989, p. 19).

A interação só pode ser compreendida e realizada porque existem tipificações no uso da linguagem, o que implica o conceito de gêneros discursivos como construções tipificadas de enunciados. São os gêneros que organizam as atividades de linguagem em determinada configuração espaço-temporal.

Também provém do pensamento do Círculo a idéia de que todo signo é ideológico, ou seja, uma língua não pode ser dissociada dos conteúdos ideológicos que veicula. Nesse sentido, a ideologia como um dado já pronto ou uma idéia individual não existe, ela está inserida no quadro da criação, ou seja, das atividades de linguagem que se expressam por meio de palavras e outras unidades sócio-linguísticas. O signo é plurivalente porque diferentes sujeitos de diferentes grupos sociais empregam os mesmos signos da língua, em contextos particulares, o que resulta na produção de sentidos diversos, até mesmo contraditórios. Assim se entende que não há transparência na linguagem, que reflete e refrata a realidade conforme ressignifica o mundo.

A relação dialógica é determinante na análise linguística, uma vez que o sentido da língua é estabelecido na situação de interação entre interlocutores. Cunha (2005, p. 287) explica a centralidade do dialogismo no pensamento bakhtiniano: “Foi justamente a partir do conceito de dialogismo que Bakhtin elaborou uma teoria do discurso humano, que constitui a base da linguística pós-estrutural”.

Não há palavra que seja a primeira ou a última, mas uma rede dialógica em que enunciados respondem a outros enunciados, e a possibilidade de resposta já é uma forma de ação social, o que nos leva à questão da responsividade e do comportamento ético dos sujeitos. Sujeito ativo e dialógico, o sujeito bakhtiniano é, antes de tudo, o agente humano de um infundável processo social e histórico, a criação ideológica.

Em resumo, Bakhtin foi um dos primeiros a enfatizar a relação entre a linguagem e a ação humana, definindo linguagem como prática social. Como afirma Brait (2006, p. 09), seu trabalho não chegou a estabelecer uma teoria ou análise de discurso em termos metodologicamente organizados ou sistemáticos, contudo, sua teoria dialógica do discurso, com a ampla diversidade de categorias e opções de análise que nos fornece, serve como base para os estudos discursivos, o que tem acontecido não só na linguística, mas nas Ciências Sociais e Humanas em geral, inclusive na Comunicação.

## **2. Dialogia e intersubjetividade**

A enunciação tem natureza social porque o sujeito, no momento em que elabora seu enunciado, já tem em vista o outro, que será seu interlocutor. O ser humano não é um ser individual, pelo contrário, é na relação com outros sujeitos que ele toma conhecimento de si mesmo.

Temos, então, o dialogismo como a presença dos enunciados exteriores no interior do nosso enunciado, envolvendo o já-dito e prevendo enunciados-resposta que surgirão, e o dialogismo como a heterogeneidade constitutiva dos sujeitos, que compreende os conceitos de alteridade e intersubjetividade.

Para Bakhtin a dialogia se situa no cerne da constituição do sujeito humano, pois atrelada ao dialogismo entre interlocutores, está a intersubjetividade. A dialogia é, afinal, uma atividade intersubjetiva, é o movimento do eu em direção ao outro, e esse movimento ocorre na interação social, tendo o enunciado como produção concreta dentro de um contexto de comunicação.

Bakhtin chega à questão da subjetividade via intersubjetividade por defender que não existe um eu absoluto, completo em si mesmo. O que existe é o eu na relação com o outro, essa relação intersubjetiva que, mais que identificar ou diferenciar, engendra o sujeito: a alteridade. A alteridade é, portanto, anterior à subjetividade e, ao mesmo tempo, constitutiva.

Não é no interior do pensamento nem na autoconsciência, mas na alteridade que o ser humano torna-se esteticamente significativo. Tomar consciência de si mesmo é um processo que requer que se tome primeiramente consciência do outro, ou seja, o eu surge somente através do reconhecimento do tu, sem dualismo entre o que é interior e o que exterior, pois há uma relação constitutiva dialógica.

A alteridade e a dialogia materializam-se no signo, visto que não existem sozinhas na mente do falante, mas nas práticas sociais concretas. Consciência e linguagem são indissociáveis: “Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 2009, p. 117). Com isso, temos um sujeito em constante transformação, que se constrói socialmente a partir da elaboração e reelaboração dos discursos alheios no processo interativo.

A intersubjetividade pode, então, ser definida como subjetividade social, para enfatizarmos que não existe um ser em si, existe um ser no outro ou através do outro, porque a tomada de consciência ocorre mediante dialogismo interativo. Conforme Faraco observa, essa consciência

é entendida como tendo uma realidade semiótica, constituída dialogicamente (porque o signo é, antes de tudo, social), e se manifestando semioticamente, isto é, isto é, *produzindo texto* e o fazendo no contexto da dinâmica histórica da comunicação, num duplo movimento: como réplica ao já-dito e também sob o condicionamento da réplica ainda não dita, mas já solicitada e prevista, já que Bakhtin entende o mundo da cultura como um grande e infinito diálogo (FARACO, 2001, p. 32).

Isso posto, a subjetividade não pode ser vista como algo do mundo interior, pois sua constituição passa inevitavelmente pelas práticas de linguagem, pelos signos que materializam essa subjetividade em um contexto social organizado. “A consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social”, afirma Voloshinov/Bakhtin (2009, p. 35). Com isso, o autor define a consciência individual como um fato socioideológico, que se concretiza nas relações em sociedade e assim possui uma materialidade semiótica.

Bakhtin (2010, p. 294) considera que “a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros”. E complementa dizendo que essa experiência “pode ser caracterizada como um processo de assimilação – mais ou menos criador – das palavras do outro (e não das palavras da língua)”.

A partir desse entendimento da alteridade e da intersubjetividade, verificamos que Bakhtin ressalta a sociabilidade do ser humano. Como Pires (2002, p. 47) aponta, “pela enunciação, Bakhtin recuperou o sujeito para o discurso e instituiu um processo de intersubjetividade no qual a identidade é um reconhecimento desse sujeito através do outro”. Nesse contexto, a comunicação verbal destaca-se como meio primordial para a constituição

das subjetividades e confere ao movimento dialógico a edificação das relações sociais, relações em que o eu e o outro estão em igualdade de forças, isto é, são igualmente importantes.

### 3. Comunicação responsiva

O resultado de uma teoria linguística que privilegia a interação e tem o dialogismo como princípio fundador é, seguramente, a proeminência da função comunicativa da linguagem. A interação por meio da linguagem acontece em um contexto em que todos participam: o locutor (que enuncia) e o interlocutor (que compreende ou interpreta e responde ativamente).

Conforme afirmam Ribeiro e Sacramento (2010, p. 14), “para Bakhtin, todo ato comunicativo é contextual – situado por sujeitos, instituições, tempos e espaços definidos. Nesse sentido, comunicar é um processo dialógico”. Os autores explicam que: “Não se trata apenas de dizer alguma coisa para alguém, mas para alguém e com outrem. Ou seja, leva-se em conta a alteridade, o interlocutor, os modos e as circunstâncias da interação verbal” (p.14).

Bakhtin (2010, p. 270) critica a visão da linguística do século XIX, segundo a qual a comunicação não constitui o centro das práticas de linguagem, a começar por Humboldt, que vê a formação do pensamento como função primeira da linguagem, e a comunicação como uma função secundária ou de menor importância. Também a orientação vossleriana menospreza (ou despreza completamente) a função comunicativa ao propor a expressão como função primordial, concepção na qual a linguagem é vista como uma forma de expressão do mundo individual do falante, que se objetiva na língua.

O que essas orientações têm em comum é o fato de menosprezarem a complexidade de relações em que se funda a linguagem, relações que são dialógicas e visam, sobretudo, à comunicação com o outro. Nesse caso,

a língua necessita apenas do falante – de um falante – e do objeto da sua fala, se neste caso a língua pode servir ainda como meio de comunicação, pois essa é a sua função secundária, que não afeta a sua essência (BAKHTIN, 2010, p. 270).

Os modelos da teoria da informação do fim dos anos 40, que influenciaram, em certa medida, o modo de a linguística perceber a comunicação na época, são excessivamente lineares e mecanicistas, esquemas onde o papel do falante, que produz a mensagem, está sempre em desequilíbrio em relação ao do ouvinte, que se restringe a recebê-la.

Os primeiros computadores que surgiram após a guerra (as grandes máquinas de calcular), aliados à busca por uma maior cientificidade no âmbito das comunicações que fosse equivalente à das ciências exatas, conduziram à teoria matemática da comunicação, do norte-americano Shannon. Seu esquema linear de comunicação consistia em um pólo, a fonte de informação, que produz uma mensagem, o codificador que a transforma em sinais, o canal que transmite esses sinais, o decodificador que reconstrói a mensagem, e, por fim, a destinação, que a recebe (MATTELART; MATTELART, 1999, p. 57-58).

Podemos avaliar que esse esquema se aplica muito mais a uma máquina que a um ser humano, e explica mais um fluxo ou mera transmissão de informações que um processo real de comunicação, à medida que segue uma lógica totalmente mecânica<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Em uma posição contrária à da teoria matemática, Wiener propõe, na mesma época, um modelo circular de comunicação, tendo em vista dar ao receptor um papel tão importante quanto o do emissor e definindo a comunicação em processos interacionais e relacionais; contudo, ainda assim, deduzindo uma “lógica da comunicação”. Após ter contato com as teorias de Shannon e Wiener, nos Estados Unidos, Jakobson (2007) elabora seu modelo de processo comunicativo composto por seis elementos – remetente, destinatário, mensagem, canal, código e contexto –, cada qual desses elementos determinando uma função diferente de linguagem.

Essa concepção do processo de comunicação como linha reta entre um ponto de partida e um de chegada impregnará escolas e correntes de pesquisa muito diversas, quando não radicalmente opostas, sobre os meios de comunicação. Ela está subjacente ao conjunto da análise funcional dos efeitos, tendo também influenciado profundamente a linguística estrutural (MATTELART; MATTELART, 1999, p. 60).

Opondo-se a isso, Bakhtin (2010, p. 273) afirma que “o esquema deforma o quadro real da comunicação discursiva, suprimindo dela precisamente os momentos mais substanciais. Desse modo, o papel ativo do *outro* no processo de comunicação discursiva sai extremamente enfraquecido”<sup>3</sup>. A comunicação tem uma função interativa, e o lugar do interlocutor, isto é, o seu grau de importância ou de participação na comunicação é equivalente ao do falante: a cada palavra que lhe chega, o interlocutor reage, responde, seja concordando, seja discordando, seja contrapondo-se verbalmente, seja silenciando-se, o que já é uma forma de resposta.

Em um ato comunicativo, a atitude do interlocutor diante do enunciado recebido não se define como uma simples reação a um estímulo, “Ou seja, Bakhtin critica o que se convencionou chamar de ‘recepção’, entendida como o cumprimento das tarefas interpretativas determinadas pelo enunciador, num jogo abstrato e idealista de estímulo-resposta” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 14).

Na teoria dialógica, é incabível a idéia de um interlocutor passivo, pois todos os participantes da comunicação discursiva desempenham uma atividade, tanto como sujeitos que produzem um enunciado, quanto como sujeitos consumidores, que compreendem responsivamente a esse enunciado. Qualquer ato de comunicação pode ser visto como um diálogo, não só a interação face a face, “mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 2009, p. 127), e é na comunicação verbal que a enunciação se concretiza.

Então, diferentemente de um simples fluxo de mensagens, a comunicação é um processo que implica uma função constitutiva, que instaura sujeitos e tem a linguagem como mediadora. Ao nos comunicarmos, antecipamos uma resposta, ou seja, criamos a expectativa de um comportamento do nosso interlocutor. Flores e Teixeira observam:

Para o autor, a comunicação é muito mais que a transmissão de mensagens. Ela tem o sentido antropológico de processo pelo qual o homem se constitui em uma relação de alteridade. Todo discurso está imediata e diretamente determinado pela *resposta antecipada*, pois, ao se constituir na atmosfera do *já-dito*, ele se orienta tanto para o espaço interdiscursivo como para o discurso-resposta que ainda não foi dito, mas foi solicitado a surgir, sendo já esperado (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 75)<sup>4</sup>.

Tanto a comunicação, quanto a linguagem são fundamentais para a própria evolução do ser humano ao longo da história. Não é um ser humano sozinho que encontramos no mundo, assim como não é um ser humano isolado que produz a linguagem, pelo contrário, é visando a nos comunicarmos com o outro que nos engajamos em práticas de linguagem.

Quem fala pressupõe um interlocutor e uma resposta, e é nesse sentido que comunicação e responsividade se vinculam. Mesmo a compreensão de um enunciado não deve ser vista como um processo passivo, “mas uma réplica ativa, uma resposta, uma tomada de posição diante do texto” (FARACO, 2001, p. 32). A responsividade é inerente à compreensão: a “compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente

---

<sup>3</sup> Grifo do autor.

<sup>4</sup> Grifos dos autores.

responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prehe de resposta” (BAKHTIN, 2010, p. 271).

O enunciado pode então ser visto como um movimento intencional em direção ao outro. O percurso da comunicação em termos de movimentos retóricos, por exemplo, é, muitas vezes, feito em função do interlocutor, ou seja, tendo em vista a antecipação de sua compreensão e sua resposta, portanto não é centrado apenas no falante. Nas interações face a face, isso pode ser mais facilmente percebido, pois um diálogo segue determinado rumo à medida que o interlocutor responde ao que ouve. Geralmente, o locutor até mesmo instiga uma atitude responsiva, o que pode ser feito mais marcadamente por uma pergunta ou dissimulado na linguagem, caso em que o interlocutor pode ser instigado pelo tom que o falante dá à enunciação.

É impossível delimitar de modo rigoroso o ato de compreensão e resposta que integra a comunicação ou a interação. “Todo ato de compreensão é uma resposta, na medida em que ele introduz o objeto da compreensão num novo contexto – o contexto potencial da resposta” (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 2009, p. 97).

É importante observar que falamos em “responsividade” por ser esse o termo utilizado na edição/tradução mais recente de *Estética da Criação Verbal* (2010). Entretanto, algumas traduções optam por “respondibilidade”, e há pesquisadores que seguem Sobral (2005), o qual sugere o neologismo “responsabilidade”. Sobral (2005, p. 20) explica que o termo “responsabilidade” serve para traduzir “o termo russo, não neológico, *otvetstvennost*”, que une responsabilidade, o responder *pelos* próprios atos, a responsividade, o responder *a* alguém ou a alguma coisa”, designando “tanto o aspecto responsivo como o da assunção de responsabilidade do agente pelo seu ato”.

A partir das relações entre arte ciência e vida, que Bakhtin define como indissociáveis, o autor considera que é preciso haver a unidade entre o sujeito e a criação ideológica, ou seja, é necessário o entendimento de que o sujeito humano é responsável pelos seus atos, por aquilo que cria e por suas atitudes diante das demandas sociais. A ética está em tudo: em todas as esferas, em todas as ações humanas existe um indivíduo responsável que por elas responde, ainda que seja mais confortável não assumir essa responsabilidade.

Portanto, Bakhtin refere-se ao caráter responsivo vinculando resposta a responsabilidade: responder é tanto responder algo a alguém, como responder eticamente, assumir a responsabilidade sobre seus atos responsivos. Assim Bakhtin introduz a questão da ética no cerne da vida humana, ou seja, nas ações concretas e cotidianas. A ética está na vida, está na ação de sujeitos historicamente situados que são responsáveis por seus atos.

É por isso que, adverso à mecanicidade de alguns modelos de comunicação, Bakhtin considera que ambos, locutor e interlocutor (ou, em outros termos, produtor e consumidor) desempenham um papel ativo e colaborativo na comunicação, em outras palavras, ambos possuem um compromisso ético do qual não se podem esquivar. E classifica esse processo como inconcluso, visto que uma palavra implica, potencialmente, uma contrapalavra e, assim, sucessivamente, em uma cadeia contínua. Quando o indivíduo age socialmente, ele implica também o agir de outros indivíduos.

#### **4. Observar o contexto para entender a enunciação: observações finais**

Para a produção de sentidos, é fundamental levar em conta as condições contextuais, os sujeitos que participam da interação, o vínculo entre eles e os universos culturais compartilhados. Por isso concordamos com Bakhtin ao considerar que os sentidos se constroem nas relações dialógicas entre locutor e interlocutor, através da enunciação.

A enunciação ocorre em um contexto que abrange fatores como o horizonte social compartilhado pelos interlocutores, os participantes da interação e as relações (hierárquicas ou

não) entre eles, o conhecimento de mundo que os interlocutores compartilham e as avaliações que fazem.

O horizonte social – a dimensão espaço-temporal que compreende a enunciação – orienta os valores negociados na interação; está ligado ao signo, de maneira que cada organismo social, em cada tempo, possui seu repertório de valores que orientam a criação semiótica. Voloshinov (2009, p. 116) afirma que é o horizonte social definido e estabelecido “que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito”. Esses fatores são extraverbais e repercutem no enunciado, pois são componentes da interação essenciais à produção de sentidos e à compreensão. Conforme Faraco (2001, p. 33), na compreensão de um enunciado, desvelam-se “aspectos semânticos não reiteráveis do signo, decorrentes justamente do fato de sua produção e recepção serem sempre contextualizadas”.

Para Bakhtin, a língua ganha vida na enunciação, ou seja, na realidade enunciativa concreta. Enfocar o estudo da linguagem na enunciação é a maneira encontrada pelo Círculo para estudar a língua em sua existência real: na enunciação unem-se linguagem e contexto. Este último desempenha um papel central na determinação (produção e compreensão) do sentido, pois uma enunciação é produzida para ser compreendida no contexto específico em que emerge.

Voloshinov (2009, p. 125) vai além e afirma que “o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo”. Portanto, a enunciação é organizada através das condições que o meio social oferece, pode ser determinada “pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística” (VOLOSHINOV, 2009, p. 126).

Segundo o autor, as condições reais da enunciação, que dizem respeito à situação social em que ela surge, são determinantes à enunciação, seja qual for o aspecto que se tome. Sobre as condições reais da enunciação, ele explica:

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor, nem no sentido próprio, nem no figurado (VOLOSHINOV, 2009, p. 116).

Na comunicação midiática, temos que se considerar além das diferenças entre produtor e consumidores, os diferentes consumidores que terão contato com o enunciado. Conforme observa Thompson (1998, p. 151), as diferenças sociais existentes entre receptores afetam a maneira como as mensagens são recebidas e a maneira com que os consumidores se relacionam com as mensagens: como compreendem, como apreciam, o que discutem e o que incorporam para suas vidas. O autor considera que, por isso, a comunicação midiática deve ser vista como um processo contínuo socialmente diferenciado, no qual interferem as mensagens recebidas, a sua elaboração discursiva, bem como os atributos e condições sociais dos indivíduos que as recebem. Assim a recepção e a apropriação dos discursos midiáticos são formas de resposta.

Como nas comunicações mediadas geralmente os interlocutores não possuem condições de responder imediatamente, visto que o contato com o locutor é estabelecido unicamente por meio do texto, suas respostas podem ser na forma de ações. Nesse sentido,

criticar, elogiar e comentar os enunciados veiculados na mídia consiste em responder (THOMPSON, 1998, p. 148).

Uma propaganda eleitoral veiculada na TV dirige a palavra a milhares de espectadores; um desses espectadores compreende aquele enunciado, avaliando o que é dito e como é dito. No dia seguinte, comenta essa propaganda com alguém, expondo seu ponto de vista; esse último, por sua vez, também elabora sua própria resposta (que é uma resposta ao enunciado do interlocutor e à propaganda assistida). Esse interlocutor não será o elo derradeiro nessa cadeia de comunicação, pois a qualquer momento sua palavra pode ser retomada (reelaborada no mesmo ou em outro contexto) e provocar uma resposta.

Convém destacar que o enunciado do locutor já é uma resposta a algo dito anteriormente, ainda que esse dito não esteja na situação imediata da comunicação. Os enunciados estão em uma cadeia, em que cada elo remete a um enunciado antecessor e prepara ou aponta para um que está por vir.

Portanto, construímos nossos dizeres calcados, de alguma maneira, no outro, trazendo ecos das falas de outros para o interior da nossa fala e renovando esse ciclo à medida que nosso dizer estimula uma resposta de alguém. São esses dizeres e instituições anteriores e/ou concomitantes ao enunciado que ajudam a constituir o contexto social e cultural em que a enunciação acontece. Por um princípio próprio da linguagem, que é o dialogismo, a comunicação torna-se um processo inacabado, continuamente renovado na interação social e na atividade humana, de onde se derivam noções fundamentais para um estudo da publicidade.

### Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 09-31.
- CERVONI, Jean. *A Enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: LARA, Glaucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander (orgs.). *Análises do discurso hoje*. vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Lucerna, 2008, p. 11-30.
- CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. Bakhtin e a linguística atual: interlocuções. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2.ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005, p. 287-294.
- FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas. In: BRAIT, Beth (org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas: Pontes; São Paulo: Fapesp, 2001, p.27-38.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem & diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo. O sujeito e os estudos da significação na década de 70 no Brasil. In: BRAIT, Beth (org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas: Pontes; São Paulo: Fapesp, 2001, p. 39-57.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *História das Teorias da Comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MIOTELLO, Valdemir. A crise contemporânea como uma crise do ato de pensar contemporâneo. In: MIOTELLO, Valdemir (org.). *A arte de consertar locomotivas velhas e o mundo: discursos e palavras sobre crise*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009, p. 161-165.

PIRES, Vera Lúcia. Considerações acerca da Linguística em Bakhtin. BEVILAQUA, Ceres Helena Ziegler; VIANNA, Vera Lúcia Lenz; PIRES, Vera Lúcia (orgs.) *Bakhtin: diálogos inconclusos*. Coleção Ensaios, n. 5. Santa Maria, 2002.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana*. São Paulo: Contexto, 2008.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. Mikhail Bakhtin e os estudos da comunicação. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (orgs.). *Mikhail Bakhtin: Linguagem, Cultura e Mídia*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 9-34.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-36.

THOMPSON, John B. *Los media y La modernidad*. Una teoría de los médios de comunicación. Barcelona: Paidós, 1998.

VOLOSHINOV, Valentin N. (BAKHTIN). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 13.ed. São Paulo: Hucitec, 2009.